



As rinhas de galos no Litoral Catarinense: relatos orais sobre uma prática em conflito com a urbanização (1980-2010)

Misael Costa Corrêa
misaelcorreia@yahoo.com.br

Este é um trabalho sobre as brigas de galos, prática considerada ilegal no Brasil, assim como em outros países. Mesmo sendo ilegal, não quer dizer que não exista, continua sendo uma prática muito comum em praticamente todo o país, mesmo que clandestina. Para uma análise mais elaborada opto por recortar a região litorânea de Santa Catarina, em especial a capital do Estado, Florianópolis e suas cidades mais próximas.

O litoral catarinense não é caracterizado pela aglomeração em uma única cidade ou metrópole, sua distribuição se dá em quatro regiões: Norte, Vale do Itajaí, Grande Florianópolis e Sul do Estado.

O Norte, que tem como polo atrativo a cidade industrial de Joinville, há mais de quatro décadas já despontava como cenário catarinense através da metal-mecânica, seguida pela região do Vale do Itajaí, onde localizam-se as cidades têxteis de Blumenau, Brusque, Camboriu, e a portuária Itajaí. Enquanto isso, no Sul, atividades extrativas do carvão mineral, seguidos pelo ramo da cerâmica e da rizicultura, mas ainda aquém das demais regiões.

Já a região da Grande Florianópolis, durante muito tempo não apresentou nenhuma característica ou produto econômico de reconhecimento, fato que sempre gerou muitos questionamentos a cerca da permanência de Florianópolis como a capital do Estado.

Sua explosão demográfica também é relativamente muito recente, quando, a partir das décadas de 1960 e 1970 muitas pessoas começam a se mudar para a região em busca de novas alternativas e possibilidades que institucionalmente foram criadas com objetivo de fomentar a modernização desta região, como a conclusão da BR-101, ligando a capital catarinense a Curitiba e Porto Alegre, a instalação de órgãos públicos federais, como a Eletrosul (Centrais Elétricas S.A) e a própria Universidade Federal de

Santa Catarina. A incrementação populacional continuou pelas décadas seguintes, com altas taxas de crescimento.

A chegada de novos habitantes sem dúvida transformou a região, as paisagens, e seus próprios habitantes, organizando uma sociedade a partir de conceitos mais urbanos em lugares onde o rural por muito tempo se manteve sobressalente. Interessa-nos, sobretudo, estas transformações ocorridas desse choque cultural.

Este latente processo de urbanização levou a alguns conflitos, sobretudo no que se refere a algumas práticas e manifestações como no caso da *farra do boi*¹. Isto significa, uma nova moral e novas sensibilidades acerca do modo como tratar outros seres vivos e que a urbanidade tende a propor outro tipo de relação.

Assim, teve maior destaque a *farra do boi*, em certa medida por ser uma prática autóctone e pública, mesmo assim é apropriado afirmar que outras práticas não ficaram logo atrás. Isso, foi o que investiguei sobre uma prática - "mais universal" -, as chamadas brigas de galos, ou melhor, sobre os participantes desta atividade e sobre os locais onde aconteciam estes eventos.

As rinhas de galos ou brigas de galos ocorrem, geralmente, em lugares específicos chamados de rinhadeiros, também, ordinariamente, chamados de *rinhas*. Em certo sentido essa palavra pode levar a algumas confusões. Rinha é recinto que abriga as brigas de galos, como também a própria briga entre dois galos neste mesmo recinto. Assim, podemos dizer que, em um determinado dia teve rinha em tal lugar, ou, por exemplo, que em tal rinha se realizaram dez rinhas. Estas e outras vulgarizações fazem parte de um amplo vocabulário e entendimentos próprios que, em falta de outro termo, são agrupados como “culturas populares”, e que os acadêmicos, tendem a delimitar e traduzir para outro tipo de linguagem. Neste caso, para melhor compreensão da leitura, vou utilizar a denominação “rinhadeiro” para fazer referência aos recintos, pois essa denominação também é utilizada pelos praticantes especificamente para estes lugares; e “rinha”, além de ser a luta, compreende a toda prática.

Os rinhadeiros, geralmente são conhecidos pelo nome da localidade onde tal evento é realizado, ou também pelo nome do proprietário do lugar. Assim, pode-se dizer que em tal lugar tem um rinhadeiro e suas atividades se concentram em algum dia da semana. Geralmente, sextas-feiras, finais de semanas ou feriados. Não por isso que em

¹ Modalidade de corrida de touros, tourada, muito comum em parte do litoral do Estado de Santa Catarina. (N.E.)



todas as semanas haverá rinhas no mesmo lugar, o que existe, na maioria das vezes, é uma sucessiva rotação entre estes lugares, e, das decisões sobre as datas dos eventos parte de um consenso do grupo de os galistas². Em tal data há rinha em uma cidade, no final de semana seguinte em outra, ou há rinha em fulano numa sexta ou em beltrano sábado, também, as vezes não há em nenhuma cidade da região porque o grupo está interessado em participar nos rinhadeiros de outras regiões, sobretudo as regiões mais próximas, como o Sul do Estado e Vale do Itajaí.

Sobre Florianópolis, faz-se necessário dizer, nessa perspectiva, que foi a partir da década de 1960 que a cidade se viu afetada de transformações mais acentuadas, com o objetivo de modernizá-la. Para isso se construíram novas vias, como a ponte *Colombo Salles*, bem como a instalação de instituições e companhias estatais como a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a concessionária de serviços públicos de geração e transmissão de energia para todo o Sul do Brasil (*Eletrosul*), entre outros. E isso teve como consequência a chegada de novas populações para estas áreas, vindas de outros estados, sobretudo de Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo.

Estas pessoas se instalaram em loteamentos, muitas vezes, próximos de seus locais de trabalho. Assim, lugares como Pantanal, Trindade, Córrego Grande, Itacorubi, entre outros, se tornaram bairros, e dentro destes bairros foram criados outros bairros, como é o caso do *Santa Mônica*, *Parque São Jorge*, etc. No entanto, é preciso se recordar que toda esta nova estrutura requereu mão de obra para sua construção, geralmente uma mão de obra barata, utilizando para isto pessoas de menores condições financeiras, nativas o procedentes de cidades do interior. Somente assim conseguimos compreender melhor o crescimento de áreas como a do Maciço do Morro da Cruz, Saco Grande o Monte Cristo. Consequência de uma política de urbanização e desenvolvimento a baixos salários, como ocorreu em todo Brasil.

No entanto, Florianópolis tem suas singularidades, diferentemente de muitas outras cidades do Brasil, não teve uma urbanização baseada na industrialização, mas, semelhante ao que Henri Lefebvre identificou na Atenas moderna:

Existe, historicamente, um choque violento entre realidade urbana e a realidade industrial. Quanto à complexidade do processo, ela se revela cada vez mais difícil de ser apreendida, tanto mais que a industrialização não produz apenas empresas (operários e chefes de empresas), mas sim

² Criadores de galos de briga. (N.E.)

estabelecimentos diversos, centros bancários e financeiros, técnicos e políticos.

Este processo dialético, longe de estar elucidado, está também longe de ser terminado. Ainda provoca situações “problemáticas”. [...] Em Atenas, [...] o núcleo organizacional da cidade continua muito forte. Seus arredores de bairros recentes e de semifavelas, povoadas com pessoas sem raízes e desorganizadas, lhe conferem um poder exorbitante. A gigantesca aglomeração quase informe permite aos detentores dos centros de decisão os piores empreendimentos políticos. Tanto mais que a economia desse país depende estreitamente deste circuito: especulação com a terra, “criação” de capitais por este caminho, investimento destes capitais na construção e assim por diante. Circuito frágil que pode se romper a todo instante, que define um tipo de urbanização sem industrialização ou com uma fraca industrialização mas com uma rápida extensão da aglomeração, especulação com os terrenos e imóveis, prosperidade ficticiamente mantida pelo circuito.³

Uma das consequências de todo isso é o contato entre populações diferentes: populações de extração rural que já habitavam o lugar há muito tempo, ou que vinham para trabalhar em busca de alternativas de vida diferente ao que havia em suas lugares de origem, as populações urbanas que viviam na cidade ou migraram para estudar, para aproveitar as oportunidades de emprego, etc. Grande parte dessas diferenças surgem de um ideal urbano que, em sua "racionalidade" previa o contrário. Construir este urbano, modernizando o país, seria criar uma sociedade harmônica, ainda que capitalista.

Os projetos urbanísticos, a visualidade que é traçada pelas linhas racionalmente calculadas de cada desenho, transforma em projeto político um imaginário que circula na sociedade e que tem a ver com a busca da perfeição utópica. Mesmo negando a utopia em nome da ciência, o urbanismo pôs em prática a busca de uma idealidade [...]. A gestão do espaço urbano moderno, portanto, não está nem aquém tampouco além do imaginário social, fazendo com que as políticas públicas sejam em grande parte regidas por princípios que dizem respeito à unificação dos habitantes em torno de um plano traçado segundo os interesses de determinados grupos sociais, mas que aparecem segundo a marca do interesse coletivo e da legitimidade do método científico. A suposta neutralidade técnica atribui a capacidade de coerção contida nos planos urbanos e cria a benfazeja ideia de que o interesse coletivo está a todo momento sendo preservado.⁴

Se, este urbanismo foi visto como uma ferramenta de transformação social, os resultados destes encontros culturais foram muitos, ainda assim, cabe aqui ressaltar o estranhamento de algumas práticas, como é o caso da farra do boi ou, também chamada, boi na vara. Isto poderia ter ocorrido pelo que Yi-Fu Tuan chama de "apinhamento". O qual, “à medida que as pessoas penetram no espaço, para cada uma chega um ponto em

³ LEFEBVRE, 1978, p. 23-24

⁴ LOHN, 2002, p.298-9

que a sensação de espacialidade passa ao seu oposto.”⁵ Aqueles sujeitos que anteriormente viviam em locais, onde suas habitações ficavam relativamente mais longes de seus vizinhos, por sua própria ação de vender terrenos – pois estas áreas pertenciam a estas pessoas – se vem, em alguns anos, cercados de varias pessoas estranhas (apinhado). E não é somente este sujeito a sentir-se apinhado, o novo habitante sente o mesmo: apinhamento pelas diferenças culturais. O testemunhar de costumes diferentes, o estranhar das práticas, quaisquer que sejam, pode levar à aversão e, por conseguinte, ao sentimento de apinhamento pelo presenciar de certas manifestações ou maneiras, principalmente àquelas que não coincidem com determinada conduta dita urbana e civilizada. Muitas das pessoas vinham de grandes cidades, e mesmo os que vinham de outras partes ou eram do próprio local, passaram a ter a expectativa de uma vida urbana, sem incomodar-se com certas práticas.

Portanto, se pode dizer que este crescimento urbano gerou restrições de algumas práticas. Muitas práticas passaram a ser vistas como inadequadas ao a este novo ambiente. Em áreas rurais que deram lugar a bairros é comum encontrar queixas de vizinhos em relação a “a falta de condições sanitárias” de outros, geralmente, entre outras coisas, no que se refere a ruídos ou odores produzidos por animais.

Talvez, deve-se pensar não justamente que apenas os novos moradores se indispueram com estes costumes. Ao mesmo tempo em que existem muitos novos moradores com esta sensibilidade em relação aos animais, existem novos moradores que não se incomodam e mesmo que simpatizam, mas, também é preciso pensar que o local, independente dos novos habitantes, nunca foi uma sociedade homogênea e coesa. Além de todas as divergências e diferenças políticas, religiosas, raciais, de gênero, de classe, etc., já existiam na cidade, pessoas contrarias à *farra do boi*, como foi o caso do professor e escritor Othon Gama d’Eça, já na primeira metade do século XX. Ele, na condição de secretário do então governador do Estado, Aderdal Ramos da Silva, baixou uma lei que proibia a farra do boi. Também, em uma de suas obras literárias (*Homens e Algas*), ele classifica o homem do litoral, pejorativamente, como “um ser pacato, sujeito às tiranias da natureza e perdido por uma briga de galos”.⁶

O apinhamento pode refletir em todas as pessoas, independentes de sua origem. É o que se tem observado conversando com as pessoas, e da admissão por parte de

⁵ TUAN, 1983, p.67

⁶ FLORES, 1997, p.138

muitos da inconveniência de alguns em possuir animais em casa, em um local onde os terrenos medem entre 300 e 400m², onde muitas vezes se constrói mais de uma habitação e o espaço externo acaba ficando muito reduzido, logo, os vizinhos percebem muitas coisas que vem a incomodar. Assim é possível perceber aquele sujeito que antes tinha algumas galinhas, patos, ou animais maiores como cabras, porcos, entre outros, se abstendo dos mesmos – muitas vezes pela intimidação ou pela própria mudança de sensibilidades que o faz crer que ao insistir com tal prática, estará perturbando outras pessoas. Foi o que me dei conta em algumas declarações sobre a criação de aves de briga.

Não crio aves em minha residência, não tenho espaço para tanto. Para ter uma pequena e boa criação é necessário ter, no mínimo, 200 m² de área disponível. Mas, onde moro no Estreito (Balneário) não há mínima condição de ter uma criação de aves combatentes porque a vigilância sanitária municipal não permite.⁷

Ainda assim insisti em uma pergunta: se os inconvenientes em criar galos de briga na cidade seriam mais difíceis devido aos riscos de denúncias relacionados à proibição da prática ou por questões de higiene e saúde pública que poderiam perturbar os vizinhos, e o mesmo entrevistado disse: “As denúncias ocorreriam pelos dois fatores, mas o ruído e o odor são os que mais levariam os vizinhos denunciarem.”⁸

Apesar do recorte compreender o litoral catarinense, não é pretensão aqui fazer um panorama geral dessa atividade e ver todos os lugares de sua ocorrência. Uma implicação é que estas divisões políticas não se ajustam ao ponto principal de desta proposta de estudo. Isto porque, as redes de sociabilidades ao redor do objeto mostram outro tipo de relação com o espaço, que, muitas vezes, não é aquele instituído pelo Estado. Sua rede pode contemplar tanto cidades que estão fora da região, como também, pode não compreender algumas que fazem parte da região.

Na investigação das áreas de ocorrência dos rinhadeiros na região não procuro fazer uma geo-história braudeliana, muito menos seguir qualquer determinismo geográfico, pelo contrário, tento observar a brandura e a porosidade destas sociabilidades em um território, que assim como própria cultura, possui fronteiras cambiantes. Fazer uma cartografia, não significa, em este sentido, buscar a totalidade

⁷ ZIMMERMAN, 2011

⁸ Ibidem.

das brigas de galos no espaço delimitado através de uma escolha metodológica, inclusive porque, este passado está conectado à memória, e como toda memória, ela depende do esquecer, não há como apreender todo o passado, muito menos através de uma narrativa. Para Pierre Nora:

Memória, história: longe de serem sinônimos, tomamos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensíveis a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às comunidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo.⁹

Além da memória, há outras dificuldades em fazer uma investigação como esta, e se devem a vários fatores. O primeiro deles, talvez, seria a responsabilidade ética como investigador em não poder dizer onde se localizam os rinhadeiros ainda em atividade. Ainda que nenhum dos que se encontram em atividade atualmente remonta a mais de dez anos. Localizar estes lugares tornaria a escrita uma delação. Dessa forma, não serão indicados os locais dos eventos, porém, o que se pode fazer é apontá-los genericamente, e indicar algumas características destes espaços.

Na época da investigação, não encontrei nenhum rinhadeiro localizado em regiões centrais da cidade, no entanto, foram muito frequentes em muitos bairros e distritos até os primeiros anos do século XXI. Um entrevistado, natural da cidade de Palhoça, cidade da Grande Florianópolis, relatou:

Vim morar em Florianópolis no ano de 1958, desde quando morava em Palhoça tinha contato com galos de briga e continuei a mantê-los em Florianópolis. [...] Meu pai foi um grande criador de galos combatentes e

⁹ NORA, 1984

frequentava os rinhadeiros de Palhoça, Aririú (Palhoça também) e de Santo Amaro da Imperatriz e eu e meus irmãos, desde pequenos o acompanhava.¹⁰

Comum nas áreas continentais, mas nem por isso raro na parte insular da capital. Os relatos indicaram a presença de pequenas brigas de galos em varias localidades, desde os bairros centrais até o Sul e Norte da Ilha.¹¹ Como foi possível perceber nas palavras de um senhor que se mudou para Florianópolis em 1985, e, entrou em contato com as sociabilidades galísticas em 1990: ele recorda ter participado de rinhadas “na Serraria, em Biguaçu, no Córrego Grande, na Costeira, na Palhoça, em Santo Amaro, Ingleses e Campeche”.¹² Serraria se localiza no município de São José, enquanto Biguaçu, Palhoça e Santo Amaro [da Imperatriz] são outros municípios da região metropolitana de Florianópolis. Já Córrego Grande, Costeira [do Pirajubaé], são bairros centrais de Florianópolis. Ingleses e Campeche se localizam respectivamente no Norte e Sul da Ilha.

Antes de prosseguir com a narrativa, é necessário deixar claro duas dimensões da atividade da briga de galos. A primeira é a briga de galos como uma diversão, da qual fazia parte muitos homens e mesmo meninos. Geralmente eram pessoas que tinham poucos galos, ou que tinham somente um e o utilizavam, juntamente com varias galinhas para sua subsistência. Em uma época em que não era tão comum as galinhas poedeiras, nem as raciones de postura, era importante ter um galo no pátio, pois se acreditava que o galo incentivava as galinhas a porem ovos, e por suposto, como maneira de fertilizar os ovos, e, conseqüentemente, criar estes animais para o abate e o consumo próprio. La segunda dimensão da briga de galos é aquela tida como um esporte: fazem parte pessoas que se dedicam fundamentalmente à criação dos animais com a finalidade de fazer rinhadas. Este grupo é composto por um número menor de participantes, mas, com maior capacidade de locomoção dentro de determinado espaço, enquanto, aqueles que faziam brigas de galos como diversão, e que geralmente eram, e ainda são, depreciados pelos “desportistas”. Eles faziam, *grosso modo*, uma briga entre dos galos de terreiro com alguém da vizinhança, pelo simples prazer de brigar os galos e fazer pequenas apostas. Este tipo de briga pode se dizer que foi endêmico na região,

¹⁰ ZIMMERMAN, *op. cit*

¹¹ Comumente se divide Florianópolis em cinco partes: Continente, Região Central, Norte, Sul e Leste da Ilha. 97,23%, correspondem a Ilha, enquanto o restante ao continente. Continente e região central são as mais densas. Nas outras regiões, também existem vários distritos muito povoados, mas, ainda assim é possível encontrar amplas áreas verdes e/o rurais.

¹² DÍAS, 2011

pelo menos fora do que hoje é considerado o centro da cidade. O primeiro depoimento coletivo é de um sujeito que, quando criança, fazia algumas brigas, ele contou:

Já que éramos comunidade pobres, a gente tinha nos terreiros um galinheiro e era normal, muito normal mesmo, grande parte das pessoas tinham um galinheiro e nós escolhíamos o galo que tivesse o melhor porte para incentivar a briga. Então nós iniciávamos o galinho desde pequeno, fazendo tipo um exercício físico com ele, que era por a mão no peito dele e jogar ele pra cima para ele criar corpo, e também para ele criar segurança, e também fazíamos o bico para atentar o animal e fazer com que ele se enfurecesse e começasse a brigar. Então, aqueles galos que mostrassem uma melhor disposição para a briga, então depois nós fazíamos brigas entre os guris... a criançada, não é? Ele pegava o galo dele, eu pegava o meu, e a gente se reunia pra fazer a briga. Porque, na verdade, a gente sabia que os adultos também faziam. Só que a gente não tinha aquele aparato, então a gente fazia esse tipo de coisa, preparávamos assim.¹³

Na sequência perguntei se, acaso, eles utilizavam esporas de metal para fazer essas brigas, e ele disse que:

O nosso sonho era esse, mas não tínhamos dinheiro para comprar. Mas, nós sabíamos que nas rinhas que eram feitas pelos adultos, lá em cima no Morro da Queimada, (nós não morávamos no Morro da Queimada, nós morávamos antes. Mais acima existia uma comunidade mais carente ainda). Então, aqui em cima existia muita rinha de galo. O pessoal chegava ali no final de semana. Na verdade aquilo não era a rinha, não era um espaço específico. No domingo de manhã o pessoal se reunia na porta de uma venda que tinha lá em cima, e começavam a tomar uma cerveja, uma cachaça – mais cachaça do que cerveja – e um de repente ia lá e pegava um galo, outro já vinha com outro. Geralmente o galo vinha com uma capinha na cabeça para não se assustar e então ali faziam a briga. Então, esse pessoal adulto eles tinham até as esporas de metal, nós não tínhamos porque nós éramos crianças.¹⁴

Semelhante ao que me dei conta em 2006 em uma investigação sobre a memória no bairro do Córrego Grande. Uma das perguntas era sobre a existência de rinhas de galo e Vardelino Durval Bento relatou:

Ah, briga de galo tinha também. Não tinha rinha, o que fazíamos era o seguinte: se eu tivesse um galo e você também, então jogávamos uma esteira no chão e brigávamos os galos.¹⁵

Estes locais onde se faziam poucas brigas de galos jamais foram considerados rinhadeiros pelos galistas “desportistas”. Havia também os rinhadeiros pequenos, onde se faziam rinhas por menores somas de dinheiro, e existiu, durante muito tempo a chamada “rinha grande”:

¹³ CARDOSO, 2011

¹⁴ Ibidem.

¹⁵ MAGRON NETO, OLIVEIRA, CORREA, 2006. p.108

Em Florianópolis existia o Centro Esportivo Catarinense, entidade civil registrada que existia há mais de 60 anos, por ser grande e com instalações confortáveis e bom restaurante era chamada de “rinha grande”, e existia outras rinhas menores em suas instalações e sem acomodações mínimas para seus frequentadores e geralmente pessoas de poder aquisitivo menor, eram estes que chamavam de rinha grande a primeira.¹⁶

Localizada não em Florianópolis, mas mais exatamente no bairro de Serraria, em São José, este local abrigava um rinhadeiro que atraía galistas de outras regiões e mesmo de outros estados, ao mesmo tempo, excluía, ou ao menos inibia a participação de todos aqueles que não tratavam as rinhas como um desporto. Isto acontecia muito pelo valor das apostas, e como nas rinhas, o que realmente está em jogo é o saber sobre toda a atividade da criação e preparo das aves, isto, inevitavelmente, não corresponde somente a uma diversão, mas ao interesse e possibilidades financeiras em produzir boas variedades da espécie.

Uma das questões postas aos depoentes foi sobre a existência de tal diferenciação entre rinhas grandes e pequenas: a maioria se limitou a dizer que o diferencial é a estrutura do local. Outros ainda ressaltaram que neste tipo de rinhadeiro participam pessoas de regiões mais distantes. Mas, como já foi dito, é possível perceber outras diferenciações que surgem nestes espaços, principalmente as de classe.

Este rinhadeiro não existe mais, como também já não existe outro, um pouco menor que se localizava no bairro Potecas, em São José, ambos foram fechados depois de denúncias e o comparecimento da policia, a pesar de um dos proprietários dizer que tinha alvará de autorização, como respondeu Vicente Pereira quando perguntado se já havia tido algum problema judicial por causa das brigas de galos.

Tive em 2005. Quando o supremo tribunal cassou a lei catarinense [que proibia a briga de galos], aí a autoridade competente, a delegacia, não veio me intimar, não veio me avisar que o alvará não tinha mais utilidade. Eles tinham que ter vindo aqui e recolhido o alvará e ter dito que não tinha mais utilidade, dizer que a lei não existe mais. Deixaram. Daí, também, eu não li Diário Oficial, aí fechou. Interditaram a rinha.¹⁷

Depois das intervenções da policia muitos se viram com medo de seguir, outros procuraram outros meios para continuar com a prática. Por suposto que, no existe mais a chamada “Rinha Grande”, um local como este seria muito vulnerável, impossibilitando a continuidade deste tipo de rinhadeiro. O que se perdeu com isso foi

¹⁶ ZIMMERMAN, *op. cit.*

¹⁷ PEREIRA, 2011

“o glamour” das brigas de galos na região. Os que continuam a brigar suas galos, o fazem em locais um pouco mais escondidos, alguns em zonas rurais, onde é necessário tomar caminhos não pavimentados para chegar a eles. No entanto, existem outros dentro das cidades, sendo dois próximos a duas praias muito conhecidas em Florianópolis, uma delas se localiza no mesmo bairro de um famoso “*point*” da juventude. Espaços tão próximos que compreendem atividades com significados tão díspares, enquanto uma é vangloriada nos meios de comunicação por seu perfil moderno, “descolado”, plural, (um legítimo apinhamento de corpos sobre a areia que causa a sensação de liberdade em seus frequentadores), a outra coexiste e procura sua invisibilidade.

Este local tem varias casas em seus arredores, mas, ninguém fez qualquer tipo de denúncia. Ainda assim, muitos entrevistados estão alertas quanto aos problemas em realizar esses eventos em lugares como este, como na seguinte declaração, quando o galista Antonio Zimmerman foi perguntado sobre o risco de denúncias ser maior nas cidades:

Evidente que as brigas de galos não pode ocorrer nos grandes centros urbanos, especialmente por causa do barulho que os espectadores fazem e, ainda, por falta de estacionamento para acomodar os veículos dos galistas. Quando isto acontece há ainda muita gritaria dos participantes e como as brigas de galos acontecem à noite, o que chamará em muito a atenção dos vizinhos e dos transeuntes e tudo isto resulta na denúncia de ambientalistas.¹⁸

Outro entrevistado fez referência a um rinhadeiro que se localizava em um sítio rural e disse: “lá é bom porque os carros ficam escondidos”. Enquanto, Bartolomeu Gonçalves disse que “as rinhas devem ser feitas em áreas rurais”.¹⁹

Então, é possível observar a inegável preocupação em não serem percebidos. Como clandestina, o fato de ser realizada em espaços mais urbanizados, está diretamente combinado ao risco de prováveis denúncias. Mas também, mesmo quando era permitidas,²⁰ ao menos em Florianópolis já não se encontram rinhadeiros no centro da cidade até a década de 1970, pois, nas chamadas rinhas grandes existia uma preocupação com a espaciosidade do local, com estacionamentos, refeições dos participantes. São pessoas com um poder aquisitivo que propicia certa sofisticação,

¹⁸ ZIMMERMAN, *op. cit.*

¹⁹ GONÇALVES, *op. cit.*

²⁰ Até a criação do código ambiental, em 1998, não existia nenhuma lei precisa contra a prática da briga de galos no Brasil. Mesmo com o código aprovado, não existe nada específico em relação as brigas de galos, mas, no artigo 32 registra-se “Praticar ato de abuso, maus tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos”, pena – detenção, de três meses a um ano, e multa. (N.E.)

reunidos em associações ou individualmente, construam ou adquiram um espaço que podia servir exclusivamente como rinhadeiro. O que diferencia uma rinha grande de uma pequena, segundo várias declarações, é a estrutura do lugar, o valor das apostas e as pessoas que se deslocam a partir de outras regiões. Eu apontaria mais: a itinerância das pequenas diante dessa. Muitos galistas tem vontade de abrir um rinhadeiro, pois podem ser uma forma de renda extra através da venda de bebidas e comida, a cobrança de ingressos, cadeiras, etc., e muitas vezes se utilizam de suas próprias instalações com essa finalidade. Alguns mantêm por muito tempo, outros nem tanto, por isso elas são itinerantes.

Na região destacada, é o que temos encontrado depois do interdício da rinha grande. Vários pequenos rinhadeiros, alguns que já coexistam com o grande, mas que se sucedem e fecham, não somente por intervenções policiais.

Nos últimos anos, de 2008 até 2011, por exemplo, entre declarações e conversas com estas pessoas, contei oito rinhadeiros, sendo que cinco deles se ficavam na ilha. Certamente, um número bastante expressivo partindo do pressuposto que nada se sabe ou se escuta falar sobre isso. E somente um deles, pelas informações que obtive, sofreu intervenção direta da polícia, os demais, encerraram suas atividades por motivações diversas. Isso sem fazer referência a dados que nos escapam, como, por exemplo, o número de criadores, rinhadeiros não mencionados pelo esquecimento ou pela negligência de sua breve existência. Entretanto, existe as tais rinhas marcadas, modalidade de rinha marcada entre dos galistas na propriedade de um deles. Como foi possível perceber nas palavras de um senhor quando lhe perguntei se os locais de rinha eram ou são abertos a todo público ou somente participam pessoas que fazem parte de um círculo de conhecidos. E se isso sempre foi assim.

A frequência nos rinhadeiros sempre foi aberta ao público, porém, em algumas cidades do Estado já fazem brigas de galos entre pessoas amigas em recinto fechado ao público, e, acredito, que esta prática deverá imperar nos próximos anos.²¹

Visto a grande quantidade de informações chegamos a um ponto crucial desse trabalho: até que ponto podemos pensar que as brigas de galos são afetadas pelo urbano? O urbano influencia de maneira a inibir a prática, mas, sua presença ainda é

²¹ ZIMMERMAN, op. cit.

perceptível. Talvez, não da mesma maneira que foi até os anos 1980, ou mesmo até 2005, quando das intervenções.

As dúvidas permeiam exatamente pelas duas dimensões apontadas anteriormente, sobre as brigas de galos. Aquela dimensão, que, *grosso modo*, caracterizei didaticamente como não profissional, representava uma parcela maior, mas, menos sofisticada, parece que foi deixada de lado anteriormente. É exatamente no momento em que a cidade se urbaniza, quando as pessoas vendem suas terras, seus sítios, para a construção de casas, que também deixam de ter seu galinheiro e, por conseguinte, deixam de fazer brigas de galos. E não é só isso, as novas representações e sensibilidades em relação aos animais fazem com que passem a abster-se da prática. Não há como negar a influência dos meios de comunicação e as diversas representações, principalmente sobre os animais, os vários desenhos animados, filmes, novelas, que difundem sentimentos de humanidade para com outras espécies. Muito do que Keith Thomas percebe ao analisar a Inglaterra moderna. Foi a partir do crescimento das cidades e o distanciamento do modo de vida rural que se formaram novas percepções e concepções do homem moderno inglês para com os animais.²²

Mas, essas sensibilidades se desenvolveram de distintas maneiras. A segunda dimensão da briga de galos, aquela que compreende pessoas aficionadas pelas rinhas e as fazem como um tipo de esporte, e por isso não entendem a atividade como sendo de maus tratos aos animais. Então, não é ausência de sensibilidade, é outro tipo de sensibilidade. Quanto da relação entre farra do boi e briga de galos, não é uma essência violenta que faz com que os homens procurem se inserir em estes meios, tanto é que temos galistas a desaprovar a farra do boi, como também não deve ser raro o contrário. Não obstante, como dizíamos, essa segunda dimensão parece ser mais resistente a este urbano que tende a fazer com que parem de brigar galos, para eles, vale muito o conceito de tática de Certeau, os quais alteram os objetos e os códigos, e estabelecem uma (re)apropriação do espaço e do uso à maneira de cada um.

Muitas práticas cotidianas (falar, ler, circular, fazer compras ou preparar as refeições, etc.) são do tipo tática. E também, de modo geral, uma grande parte das “maneiras de fazer”: vitórias do “fraco” sobre o mais “forte” (os poderosos, a doença, a violência das coisas ou de uma ordem etc.), pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcias de “caçadores”, mobilidades da mão de obra, simulações polimorfas, achados que provocam euforia, tanto poéticos quanto bélicos. [...] Do fundo dos oceanos até as ruas das megalópoles, as

²² THOMAS, 1998.

táticas apresentam continuidades e permanências. Em nossas sociedades, elas se multiplicam com o esfrelamento das estabilidades locais como se, não estando mais fixadas por uma comunidade circunscrita, saíssem de órbita e se tornassem errantes, e assimilassem os consumidores a imigrantes em um sistema demasiadamente vasto para ser o deles e com as malhas demasiadamente apertadas para que pudessem escapar-lhe.²³

Em alguns sentidos, mesmo o urbano pode ser considerado como um meio propício a prática, como, por exemplo, os meios de locomoção. O automóvel, talvez um dos maiores símbolos da cidade, sem embargo, é através dele que os galistas se deslocam às rinhas e produzem sociabilidades de maior alcance. Além disso, no urbano os meios de comunicação são mais acessíveis e é através deles que se formam redes de comercialização de aves combatentes, muito comuns em sites e redes sociais virtuais. Também, nas cidades, se localizam várias casas agropecuárias, algumas com rações especiais para aves combatentes.

Chegamos ao fim com um paradoxo envolvendo prática e urbanidade. Por um lado temos uma serie de facilitações produzidas por este meio no que se refere às sociabilidades e as possibilidades de movimentos em determinado espaço, por outro lado, a criação dos animais necessita, bem como a própria rinha, de certo espaço – restritos e controlados – nos meios urbanos, seja pela própria estruturação física deste espaço, como pelas proibições e limitações que este espaço vem a produzir, não obstante, não há como atenuar a maneira como o espaço se moderniza e altera o *modus vivendi* de uma sociedade, ou melhor, como as novas sensibilidades e sociabilidades se desenvolveram no espaço que se urbaniza, criando mecanismos que diluem certas práticas em detrimento de outras. Isto foi possível observar em várias declarações, quando se tratava de uma “renovação” dos participantes das brigas de galos. A maioria respondeu que, na região da Grande Florianópolis, geralmente são as mesmas pessoas. Vicente Pereira acrescentou dizendo: “lá no Vale do Itajaí tem muitos jovens praticando”²⁴ e Antonio Zimmerman relatou quando perguntado se o crescimento da cidade implicava no desenvolvimento das rinhas:

Evidente que o crescimento dos grandes centros urbanos contribui para a não renovação de galistas, pois os jovens de hoje têm muitas opções para se divertirem e isto é o maior fator que poderá influir na continuidade da briga de galos, a perseguição policial é outro fator, mas no meu entendimento em menor escala. Hoje o galismo no Estado de Santa Catarina está mais concentrado nos municípios do interior. [...]Hoje, aqui em nossa região são

²³ CERTEAU, 2000, p.L-LI

²⁴ PEREIRA, *op. cit.*

sempre as mesmas pessoas que frequentam as brigas de galos, raramente aparece um jovem que deseja participar das mesmas.²⁵

Assim, houve um decréscimo da atividade das brigas de galos entre aquilo que denominei como não profissional. Este foi um tipo de prática que parece ter sido atingida de maneira direta pela “onda” urbanizadora que ocorreu em todo litoral catarinense entre as décadas de 1960 e 1970, produzindo reflexos nas décadas seguintes. Reflexos que compreendem desde a nova estrutura física do espaço, até um conjunto de novas sensibilidades difundidas principalmente pelos meios de comunicação e pelos sistemas educativos. Ademais, a outra dimensão das rinhas teve sua continuidade – com restrições – e procura manter-se, mesmo que na clandestinidade.

BIBLIOGRAFÍA

- BEDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. In: Ferreira, Marieta de M.; Amado, Janaína. *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 219-229.
- BURKE, Peter. *A escola dos ANNALES (1929-1989): a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1997. 154 p.
- CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. 5.ed. Campinas: Papirus, 2008. 253 p.
- _____. *A invenção do cotidiano*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- CORRÊA, Misael Costa. *Costumes incomuns: a rinha de galos no extremo-oeste catarinense*. 2009. 74 p. : Monografia (graduação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Curso de História, Florianópolis, 2009.
- DUNES, Alan. *The Cockfighting: A Casebook*. Madisã, Wisconsin, EUA: Wisconsin, 1994. 302 p.
- FLORES, Maria Bernadete Ramos. *A farra do boi: palavras, sentidos e ficções*. Florianópolis: UFSC, 1997.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- LEFEBVRE, Henri. *De lo rural a lo urbano*. 3 ed. Barcelona: Península, 1975.
- _____. *El derecho a la cidade*. 4. ed. Barcelona: Península, 1978.
- LEPETIT, Bernard. *Por uma nova história urbana*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

²⁵ ZIMMERMAN, *op. cit.*



LOHN, Reinaldo Lindolfo. *Pontes Para o Futuro: relações de poder e cultura urbana. Florianópolis, 1950 a 1970.* Porto Alegre: UFRGS, 2002 (Tese de Doutorado em História).

MAGRON Neto, Alfredo; OLIVEIRA, Guilherme Güttler de; CORRÊA, Misael Costa. *Córrego Grande.* 2006. 156 f. : Relatório de estágio (graduação)- Universidade do Estado de Santa Catarina, Curso de História, Florianópolis, 2006.

NORA, Pierre (dir.); *Les Lieux de Mémoire; 1: La République Paris,* Gallimard, 1984, pp. XVII-XLIL.

ROUSSO, Henri. *A História do Tempo Presente vinte anos depois.* In: Pôrto Jr., Gilsão (org.). *História do Tempo Presente.* Bauru, SP: Edusc, 2007. 360 p.

SIMMEL, Georg. *As grandes cidades e a vida do espírito.* In *Revista Mana* nº 11, vol. 2. p. 577 a 591, Rio de Janeiro, 2005.

THOMAS, Keith. *O Homem e o Mundo Natural: Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.* São Paulo: Diffel, 1983.

ENTREVISTAS

Cardoso, Manoel. *Entrevista concedida a Misael Costa Corrêa.* Florianópolis, 05 de jul. de 2011. Depoimento

Pereira, Vicente. *Entrevista concedida a Misael Costa Corrêa.* São José, 29 de jul. de 2011. Depoimento

Gonçalves, Bartolomeu. *Entrevista concedida a Misael Costa Corrêa.* Florianópolis, 27 de ago. de 2011. Depoimento

Zimmerman, Antonio. *Entrevista concedida a Misael Costa Corrêa.* Florianópolis, 29 de ago. de 2011. Depoimento

Dias, Pedro. *Entrevista concedida a Misael Costa Corrêa.* Florianópolis, 08 de set. de 2011. Depoimento

Santos, Patrício. *Entrevista concedida a Misael Costa Corrêa.* Florianópolis, 11 de set. de 2011. Depoimento